



Os desafios de ser mulher no cenário dos esportes de aventura

The challenges of being a woman in the adventure sports scenario

Simone Fernandes Lopes

1 INTRODUÇÃO

Antes de começar uma discussão no que se refere a participação feminina nos Esportes de Aventura, se faz necessário uma reflexão, ainda que breve, sobre a atual posição da mulher no cenário sociocultural.

Desde o início da vida, os seres humanos trazem consigo a diferenciação de aspectos biológicos, e quando a questão diz respeito a gênero⁹⁰ essa distinção é feita como sendo masculino e feminino. O que, de acordo com Scott (1995, p.75) é apenas uma forma de mencionar origens puramente sociais das identidades abstratas de homens e mulheres.

Para Lauretis (1987) e Parker (1991) se tratando de gênero, ao homem se atribui os aspectos objetividade, mente, razão e estão relacionados às questões políticas e socioeconômicas. Já a mulher é ligada aos conceitos de subjetividade, emoções, corpo e ainda estabelece limites que não vão além dos cuidados com a família e tarefas domésticas.

Na mesma linha de pensamento, Abreu (in VOTRE, 1993) ressalta que por meio dos métodos da socialização é que papéis feminino e masculino foram definidos e Simões et al. (1996) complementa salientando que os padrões estabelecidos à população feminina em muito se diferem dos que são estabelecidos aos da população masculina e que isso está relacionado aos princípios das regras patriarcais há muito incutidas na sociedade brasileira.

Ao analisarmos o papel social feminino, estereótipos, preconceitos, assim como suas reivindicações e conquistas, nota-se uma luta constante e que tem se fortalecido ao longo dos anos.

Em suas pesquisas Lipovetsky (2000), relata que alguns dos fatores determinantes para que a mulher amplie seu espaço na sociedade é a escolarização, profissionalização,

⁹⁰ Não faz parte dos objetivos desta pesquisa discutir e/ou elencar as definições de gênero tais como necessita o contexto atual e sim tão somente distinguir o feminino do masculino baseados na construção histórica-social.



I SEVEN
CONGRESS OF HEALTH

participação ativa na política, inserção em diversos campos de atuação e tudo isso sem abrir mão do seu papel maternal e doméstico, daí vem a expressão “jornada dupla”.

No que tange a participação feminina nos esportes, não é de hoje que as mulheres lutam por espaço, igualdade e para derrubarem a estigma do sexo frágil (Rutland et al., 2010). Em (Brasil, 1941) lê-se: “[...] às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza [...]. E mesmo com tantas oposições, muitas mulheres ousaram desafiar uma sociedade de discursos hegemônicos e preconceituosos. No entanto, existem diversos fatores a serem para que essa luta seja legitimada.

Se tratando da participação feminina nos Esportes de Aventura, a discrepância em relação à masculina é ainda mais acentuada, assim como o desrespeito, preconceito, restrição ao reconhecimento como atletas e também em cargos decisórios (Oliveira et al., 2008; Valporto, 2006).

Os esportes denominados de aventura carregam consigo características de confronto com o desconhecido, situações onde desafios e tomadas rápidas de decisões são presenças constantes, e tudo isso ligado ao ambiente natural (Le Breton, 2006, 2007; Schwartz, 2006). Essas características associadas ao fato de a sociedade ainda imputar a mulher o papel de “sexo frágil”, torna desafiador a inserção e permanência dessa mulher no cenário dos Esportes de Aventura.

Algumas iniciativas como a divulgada pela Adventure Travel Trade Association (ATTA), em 2007, mostram em pesquisa feita anualmente em 35 países sobre a indústria do Turismo de aventura, que 52% dos turistas de aventura já eram mulheres.

Esse resultado ressalta a crescente busca das mulheres por esses esportes que possibilitam vivenciar riscos controlados, experimentar sensações distintas das do dia-a-dia (Le Breton 2006, 2007) e que ainda são carregados de conotações opostas ao que a sociedade insiste em estabelecer para o sexo feminino, no entanto o número de praticantes efetivas ainda não chega a tanto.

Schwartz et al (2016) aborda estratégias criadas para a participação de mulheres nos esportes de aventura, dentre elas a iniciativa de praticantes das modalidades de Esportes de Aventura criarem canais de divulgação tais como sites e blogs para divulgar seus feitos na íntegra e ainda encorajar outras mulheres a tais práticas



2 OBJETIVOS

A presente pesquisa tem como objetivo geral investigar os desafios no que diz respeito à participação da mulher nos esportes de aventura.

Quanto aos objetivos específicos, se propõe elencar os desafios enfrentados pela mulher que opta por praticar modalidades de Esportes de Aventura, discutir a postura da mulher frente a esses desafios e identificar os principais motivos pelos quais cresce a participação feminina nos esportes praticados na natureza, apesar dos desafios enfrentados.

A relevância deste estudo se dá pela escassez de material de pesquisa atualizado sobre os desportos de aventura e principalmente no que tange a participação feminina nessa categoria que cresce consideravelmente ano após ano e também pela necessidade de se discutir questões de gênero nesse mesmo âmbito.

3 METODOLOGIA

O presente estudo é de natureza qualitativa, onde a investigação é voltada para a compreensão dos aspectos subjetivos de uma questão em específico.

O principal objetivo da pesquisa que se propõe qualitativa é compreender de forma profunda o grupo a qual se destina o estudo e não a representação numérica de dados. Gerhardt e Silveira (2009) explicam:

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. (Gerhardt e Silveira, 2009, p. 32)

Desenvolveu-se por pesquisa de campo e usou como instrumento um questionário online com 14 perguntas, sendo doze de múltipla escolha e duas abertas. De acordo com Joly e Silveira (2003) utilizar a informática para reunir dados online apresenta pontos positivos por deixar mais ágil a coleta desses dados, possibilitar o acesso a um número maior de sujeitos, simplificar a análise e ainda contribuir economicamente e socialmente, por não usar material impresso.

O contato se deu por meio das comunidades online de cada modalidade, onde foi apresentado o objetivo do estudo e o convite feito para a participação voluntária.



4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para coletar os dados, o questionário virtual foi enviado a cinco comunidades de praticantes de Esportes de Aventura em Uberlândia, MG.

A amostra foi composta por 61 mulheres praticantes das modalidades: escalada 34% (21), rapel 6,6 (4), *mountain bike* 70,5% (43) *trekking* 32,8% (20) e corrida de aventura 19,7% (12). O percentual se estabeleceu desta forma pois, as mulheres participantes da pesquisa praticam mais de uma modalidade.

O intuito do questionário é investigar e enumerar os principais desafios enfrentados pela mulher ao se inserir nas práticas de Esportes de Aventura, arrolar uma discussão no que diz respeito a postura adotada por essa mulher frente aos desafios e mencionar os motivos pelos quais cresce a participação feminina nas modalidades denominadas de aventura.

A pesquisa se inicia questionando a idade das participantes e fica estabelecido a média de 37 anos, sendo a idade mínima 17 e a máxima 54 anos.

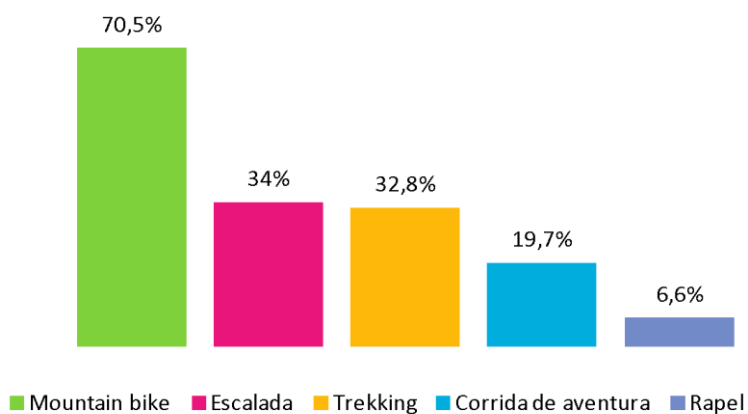
De acordo com publicação na revista *Motriz* (2010) a faixa etária que procura as práticas denominadas de aventuras é de 25-50 anos. Observa-se que atualmente houve expansão dessa faixa etária, sendo assim os esportes se tornam uma possibilidade tanto para praticantes mais jovens quanto mais velhas.

Referente às modalidades praticadas pelas entrevistadas obteve-se, no gráfico abaixo, os seguintes resultados:



I SEVEN
CONGRESS OF HEALTH

Gráfico 1 - Modalidades praticadas

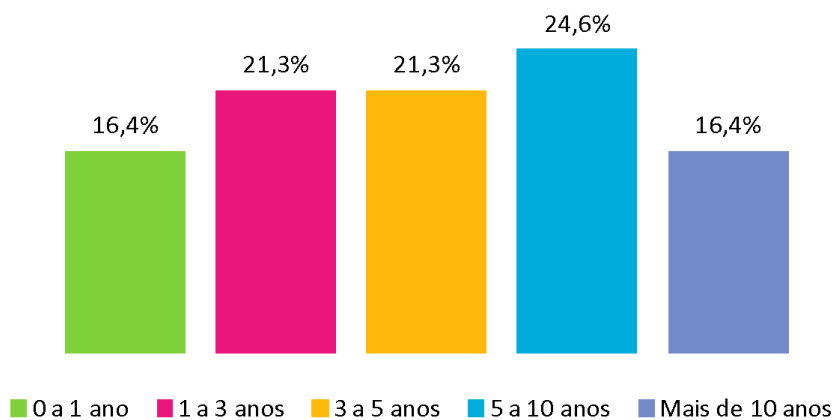


Fonte: Gráfico elaborado pelos autores, dados extraídos do questionário (2020)

Das 61 (sessenta e uma) mulheres que responderam o questionário, 70,5% (43) são praticantes de *mountain bike*, 34% (21) de escalada, 32,8% (21) de *trekking*, 19,7% (20) de corrida de aventura e 6,6% (4) de rapel.

De acordo com a Revista Brasileira de Ciências do Esporte (2016 p.158) após o primeiro contato, experimentação, usualmente a escolha da modalidade a ser praticada se dá através da identificação e do gosto.

Gráfico 2 - Tempo de prática



Fonte: Gráfico elaborado pelos autores, dados extraídos do questionário (2020)

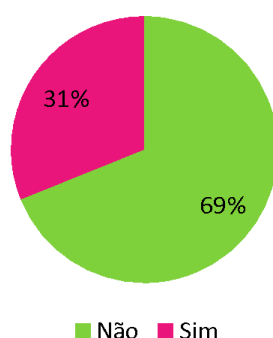
Referente ao tempo de prática, 16,4% (10) das participantes da pesquisa estão



envolvidas com alguma modalidade de aventura há apenas alguns meses (0 a 1 ano), assim sendo são consideradas iniciantes. 21,3% (13) estão na categoria intermediária por praticarem entre 1-3 anos. Também corresponde a 21,3% (13) a quantidade de praticantes na categoria intermediária 2, que fica entre 3-5 anos de contato efetivo com esses esportes. Já na categoria veterana o maior percentual 24,6% (15) fica com a faixa de 5-10 anos e 16,4% (10) mais de 10 anos.

Para Marinho (2006) a permanência e o engajamento nessas práticas podem estar diretamente ligados aos traços de personalidade, a busca pelo prazer e a conquista da satisfação através dos estímulos proporcionados pelos Esportes de aventura.

Gráfico 3 - Dificuldades para se inserir nos Esportes de Aventura

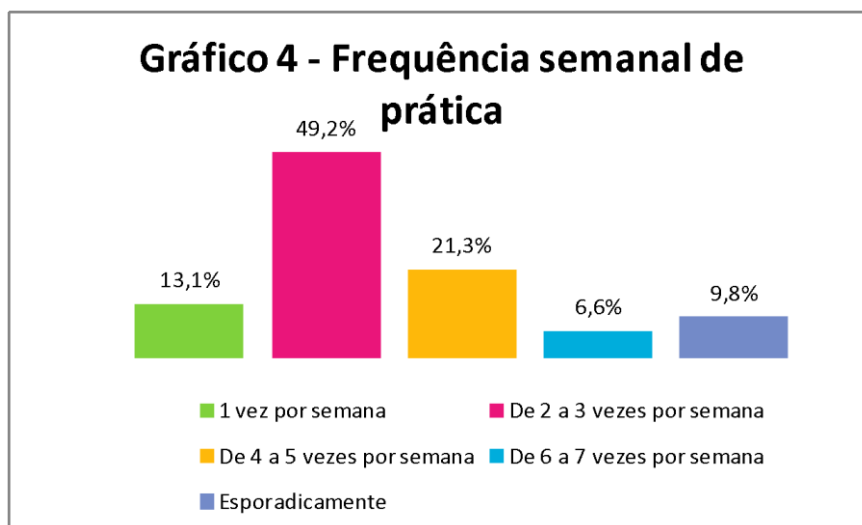


Fonte: Gráfico elaborado pelos autores, dados extraídos do questionário (2020)

Ao serem questionadas se houberam dificuldades para se inserirem nos Esportes de Aventura, 69% (42) das mulheres responderam que não e 31% (19) que sim.

Entende-se que para a maioria não houve uma barreira inicial, no entanto 31% é um percentual expressivo quando barreiras são criadas por questões de gênero.

Neste sentido, Bruhns (in ROMERO, 1995) afirma que se tratando de gênero o predeterminismo precisa ser contestado, pois o fator biológico do sexo apresenta vantagens apenas em algumas circunstâncias. O que implica em oportunidades para ambos em qualquer modalidade.



Fonte: Gráfico elaborado pelos autores, dados extraídos do questionário (2020)

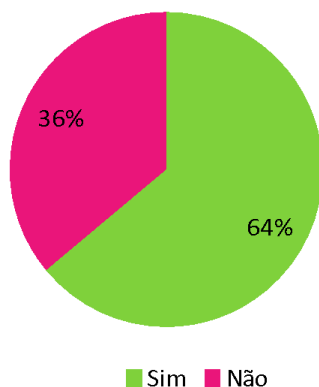
Para compreender o perfil das participantes, perguntou-se com que frequência elas praticam a (s) modalidade (s) escolhidas.

1 vez por semana foi a resposta de 13,1% (8), a maioria das mulheres 49,2% (30) responderam que estão em contato com os esportes de 2 a 3 vezes por semana, de 4 a 5 vezes representa 21,3 (13) do total, o percentual 6,6% (4) diz respeito às mulheres que praticam as modalidades de aventura de 6 a 7 vezes por semana e 9,8% (6) disseram que essa prática é esporádica.

Para alguns autores que estudam a ascensão do Esportes de Aventura no Brasil ((Bruhns, 2009; Dias & Alves Júnior, 2009; Marinho, 2008; Tahara, Carnicelli Filho, & Schwartz, 2006; Tahara, 2004) o engajamento e apreço pelos esportes praticados na natureza, a possibilidade de se obter prazer físico e mental são os principais motivos para adesão e constância nessas práticas.



Gráfico 5 - Preconceito ao decidir pelas práticas de aventura



Fonte: Gráfico elaborado pelos autores, dados extraídos do questionário (2020)

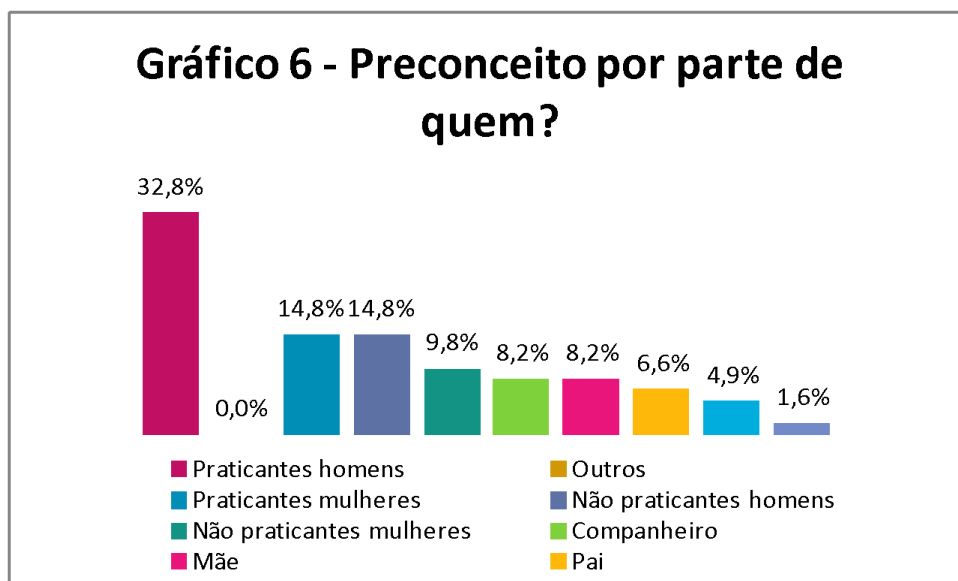
A questão número 6 do questionário, representada no gráfico 5, indaga se ao escolher atividades de aventura como prática, as participantes da pesquisa enfrentaram algum tipo de preconceito.

64, % (39) responderam que sim, reforçando as observações de (Oliveira et al., 2008; Valporto,2006) referentes ao evidente desrespeito a inserção feminina nos Esportes de Aventura.

De acordo com (Lippa, 2010; Romariz, Devide, & Votre, 2007) isso se dá pelo fato de que as associações feitas ao papel feminino são de fragilidade, falta de controle emocional para gerenciar o risco, e aquele velho padrão de beleza imposto pela sociedade. 36% (22) responderam que não sofreram preconceitos, o que constitui de fato um avanço rumo à igualdade nesses esportes. De acordo com Brevik (2010), em breve as mulheres se equiparão aos homens tanto em performance quanto em espaço.



Gráfico 6 - Preconceito por parte de quem?



Fonte: Gráfico elaborado pelos autores, dados extraídos do questionário (2020)

Na questão seguinte foi perguntado por parte de quem as mulheres sofreram preconceito, os resultados estão dispostos no gráfico acima.

32,8 (20) afirmaram ter sido por parte de homens que já praticavam a modalidade, 18% (11) responderam outros, 14,8% (9) por não praticantes homens, também 14,8% (9) por praticantes mulheres, 9,8% (6) por não praticantes mulheres. Preconceito por parte da mãe está representado em 8,2% (5), pelo companheiro também 8,2% (5), pai 6,6% (4), irmão 4,9% (3) e irmã 1,6% (1).

Ao analisar e agrupar as respostas por gênero têm-se os seguintes resultados: 67,3% (41) das mulheres sofreram preconceito por parte de homens e 34,4% (21) por parte de outras mulheres.

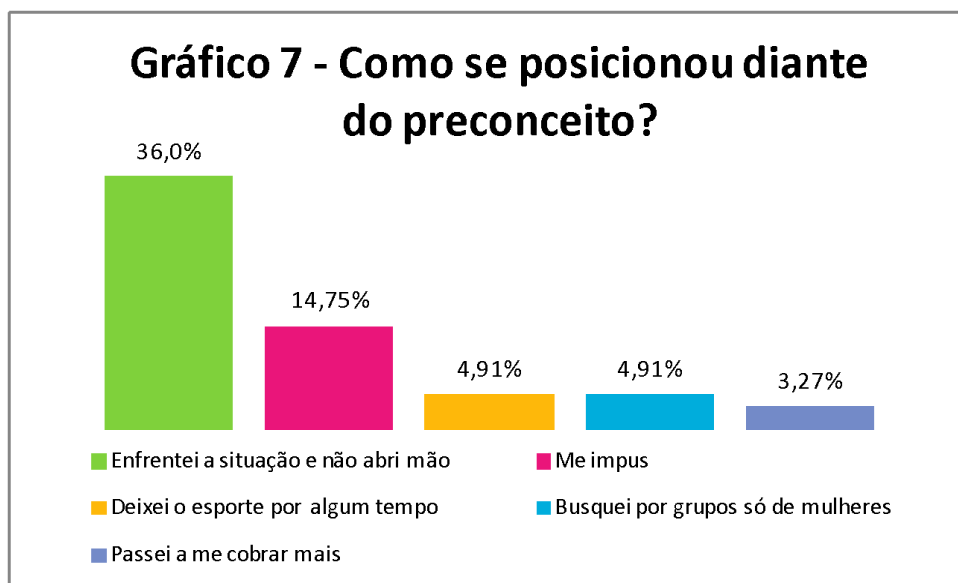
O preconceito por parte dos homens se dá pelo fato de se julgar e estereotipar a mulher como sendo frágil, delicada, inferior em capacidades físicas e apta apenas para modalidades que absorvem características opostas a essas. Saraiva (2009) lembra que a própria educação física contribuiu expressivamente para a masculinização e feminilização de diversas modalidades dos esportes.

Se tratando do preconceito por parte de outras mulheres, existem duas vertentes: as mulheres não praticantes (mães, irmãs colegas de trabalho, sogras dentre outras), que manifestam o preconceito por não conhecerem essa categoria de esporte. Já o preconceito vindo de outras praticantes diz muito mais respeito a rivalidade do que ao preconceito



propriamente dito.

Nota: O percentual demonstrado no gráfico excede 100%, pois deixou-se livre para as participantes marcarem mais de uma opção.



Fonte: Gráfico elaborado pelos autores, dados extraídos do questionário (2020)

Para saber o posicionamento destas mulheres diante do preconceito sofrido, a questão número 8 foi de cunho discursivo.

36% (22) disseram que apesar do preconceito e de ser desafiador lutar por espaço e respeito, enfrentaram a situação e não abriram mão de praticar a modalidade escolhida. Conforme retratado abaixo

Simplemente ignorei, prezo pela minha saúde física e mental. Mas não foi fácil começar, faltava estímulos, conhecimento do esporte, formas de ter acesso, coragem de fazer sozinha. (Participante número 51)

Representando a segunda coluna do gráfico estão as mulheres que afirmaram se imporem mediante as situações 14,75% (9).

Me mantive firme, cabeça erguida, mostrei que sou capaz de fazer o que eu quiser. Não me deixei abater por ter certeza de quem sou e da minha capacidade. Impus o respeito que julgo merecer. (Participante número 58)

Algumas mulheres optaram por deixar a prática após terem passado por situações



**I SEVEN
CONGRESS OF HEALTH**

de discriminação e preconceito. Totalizando 4,91% (3) das entrevistadas.

Parei de praticar com a intensidade que estava acostumada e fui desanimando aos poucos. Acho um absurdo tremendo ser subestimada, criticada, simplesmente por ser mulher. (Participante número 60)

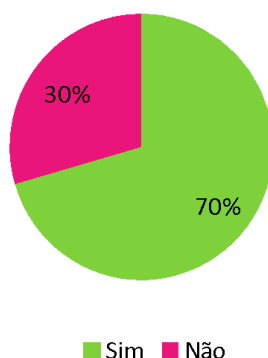
Outras 4,91% (3) optaram por buscarem grupos específicos para mulheres e assim se sentirem com mais liberdade em suas práticas, conforme menciona a participante abaixo:

Me afastei, pois, o grupo era predominantemente formado por homens e busquei por comunidades formados por mulheres, onde posso fazer o que gosto de maneira livre. (Participante nº 44)

3,7% (2) passaram a se cobrar mais, como se precisassem provar que eram bem mais do que a visão que tinham sobre elas. É o que diz a participante denominada número 6:

Continuei praticando e, por vezes, acabei me cobrando muito mais do que deveria, como que se precisasse provar algo para alguém. Isso me levou a um esgotamento físico e mental. (Participante nº 6)

Gráfico 8 - Já foi subestimada durante a prática por ser mulher ?



Fonte: Gráfico elaborado pelos autores, dados extraídos do questionário (2020)

Quando perguntadas se já foram subestimadas no cenário das práticas esportivas de aventura 70% (43) das mulheres responderam que sim e 30% (18) que não.



I SEVEN
CONGRESS OF HEALTH

De acordo com artigo publicado na revista Motricidade (2013) existem muitos equívocos em relação a participação feminina nos Esportes de Aventura. E grande parte disso se dá pelo cálculo equivocado da capacidade dessas mulheres nas modalidades escolhidas. Outro fator salientado no texto são os estigmas reforçadas por valores socioculturais ultrapassados.

Além do fato de serem subestimadas como praticantes existem desafios um tanto quanto mais expressivos quando o assunto se refere a cargos deliberativos em associações e/ou academias desses desportos ou de possuírem confiança para serem técnicas ou arbitrarem certas modalidades (Goellner, 2005).

Ressaltando esse aspecto dos desafios enfrentados pelas mulheres no âmbito dos Esportes de Aventura umas das participantes traz a seguinte fala:

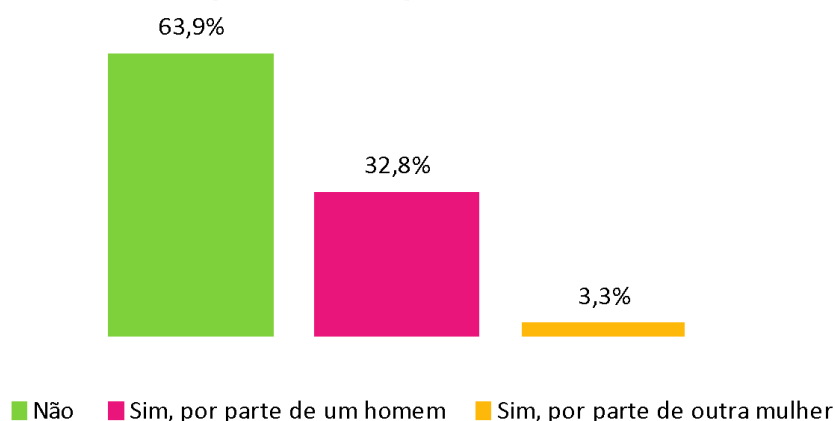
Quando decidi ocupar cargos de liderança seja com organizações políticas de escalada e na academia em que eu trabalhava, aí sim vivi muitas barreiras e vivencio até hoje. Acho que como praticante não teria muito, mas na hora de se posicionar, dar opinião e ter voz ativa aí sim as barreiras começam a aparecer. (Participante nº23)

Em contrapartida, as mulheres que responderam não terem sido subestimadas reportam que foram bem aceitas nas comunidades onde praticam. As participantes 2 e 54 mencionam o seguinte: “Sempre foram muito atenciosos, pacientes e incentivadores. ”, “Não encontrei barreiras, fui recebida de forma positiva e incentivada a me superar no esporte. ”

De acordo com Breivik (2010), esses fatos podem representar um avanço, ainda que pequeno, nos padrões relacionados a gênero e que fica claro uma nova concepção de expressão diante do que a sociedade impõe como regra.



Gráfico 9 - Assédio moral durante a prática esportiva



Fonte: Gráfico elaborado pelos autores, dados extraídos do questionário (2020)

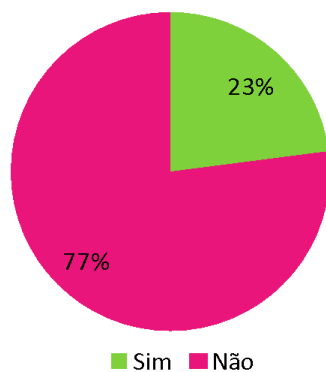
Quando indagadas sobre assédio moral durante a prática dos Esportes de Aventura, 63,9% (39) mulheres responderam que não o sofreram, 32,8% (20) que sim por parte de homens e 3,3% (2) por parte de outra mulher.

De acordo com a definição de (Hirigoyen, 1998, p. 55), assédio moral é toda conduta abusiva que é manifestada através de palavras, gesticulações, ações e que colocam em risco a probidade física e psicológica de um indivíduo.

Marinho (2013) define os Esportes de Aventura como sendo atividades corporais praticadas sob risco calculado e que exigem da praticante concentração, calma, tomada rápida de decisão e principalmente que corpo e mente estejam no mesmo lugar. Sendo assim, o assédio compromete a performance e permanência da praticante nesses esportes.



Gráfico 10 - Assédio Sexual durante a prática esportiva



Fonte: Gráfico elaborado pelos autores, dados extraídos do questionário (2020)

Sobre assédio sexual 77% (47) afirmaram não terem sofrido e 23% (14) que sim.

Vivot (1995) conceitua assédio sexual como sendo todo comportamento de origem sexual não almejado que, mesmo rechaçado por quem recebe, é insistentemente reiterada, suprimindo quase que totalmente a liberdade sexual do outro.

Esta questão abriu espaço para as mulheres descreverem suas experiências no tocante ao assédio e algumas delas sentiram a liberdade de partilhar:

Um colega escalador não entendeu mesmo eu sendo clara que não estava afim dele e insistiu. Me abraçava, colocava a mão em partes do meu corpo e fazia contato físico sem meu consentimento constantemente. (Praticante nº 13)

Comentários grotescos em relação ao meu corpo. Assediam e julgam pela forma como visto. É como se a maneira como me visto fosse um passe livre para cantadas e convites que quando não aceitos coíbem e geram também assédio moral. (Praticantes nº 15 e 19)

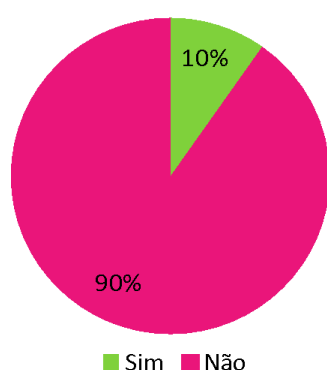
Resolvi aproveitar minhas férias para escalar em um dos picos mais frequentados da região. Fui sozinha, fiquei por alguns dias em um determinado lugar onde durante a semana só tinha homens. Fiquei tranquila, pois eram pessoas já conhecidas por mim. Mas no decorrer dos dias, comecei a sofrer assédio sexual por parte de um homem bem mais velho e que não aceitou o fato de eu dizer que pra mim ele era um pai. Houve promessas de viagem e de me dar “uma vida melhor”, toques físicos, palavras de baixo calão e ao ser mais enfática com meu não sofri assédio moral sucedido de muita humilhação e o pior é que os outros homens ficaram do lado dele. Não pensei duas vezes, juntei minhas coisas e voltei pra casa triste e indignada. (Participante nº 61)

Ainda de acordo com a participante nº 61 dizer não ainda é pouco para evitar esse



tipo de situação “muitos homens acham que somos obrigadas a aceitar convites e deveríamos ficar lisonjeadas com os “elogios”, quando na verdade são ofensas a quem somos.”

Gráfico 11 - Cogitou desistir dos Esportes de Aventura devido preconceito e/ou assédio?



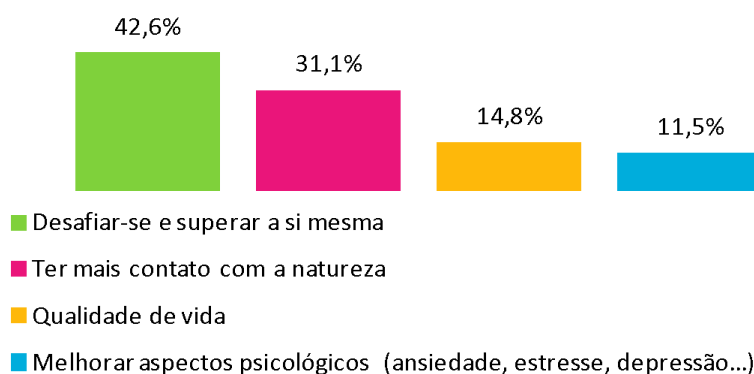
Fonte: Gráfico elaborado pelos autores, dados extraídos do questionário (2020)

A questão número 12 representada no gráfico 11 questiona se desistir das práticas de aventura é uma possibilidade mediante ao assédio e/ou preconceito. 90% (55) responderam que não e 10% (6) que sim.

Para (Gasques, 2002; Ortiz, 2007) apesar dos desafios enfrentados, a luta feminina transpõe barreiras ao criar estratégias para permear o campo dos Esportes de Aventura, assim como expandir as áreas de atuação nesse mesmo âmbito.



Gráfico 12 - Aspectos que atraíram para os Esportes de Aventura



Fonte: Gráfico elaborado pelos autores, dados extraídos do questionário (2020)

A fim de elencar os aspectos dos Esportes de Aventura que atraíram as mulheres entrevistadas, pediu-se para que marcassem apenas o motivo principal.

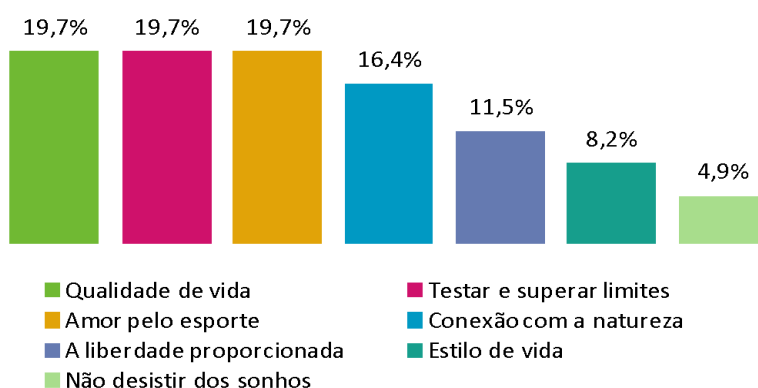
42,6% (26) disseram que foi desafiar-se e superar a si mesma, 31,1% (19) ter mais contato com a natureza, 14,8% (9) qualidade de vida e 11,5% (7) afirmaram que são as melhorias nos aspectos psicológicos.

Percebe-se que de modo geral os motivos estão ligados à fatores psicológicos. Conforme Stigliano e César (2002) as práticas de aventura possibilitam a (re) aproximação do indivíduo com a natureza e esse contato direto com o meio natural exerce influência sobre aspectos psicológicos.

Para Lavoura et al. (2008) encontra -se vigorosamente exposto a ligação dessas práticas com a perspectiva de experienciar sentimentos, sensações de prazer, calma e perigo. Os autores afirmam que as experiências advindas das atividades praticadas em contato direto com a natureza são capazes de promover instantes emocionais carregados de grande significado.



Gráfico - 13 Motivação para continuar nos Esportes de Aventura



Fonte: Gráfico elaborado pelos autores, dados extraídos do questionário (2020)

A última questão indaga as participantes da pesquisa sobre o que as motivam continuar adeptas aos Esportes de Aventura apesar dos desafios encontrados pelo caminho.

Qualidade de vida, testar os próprios limites e amor pelo esporte estão representados no gráfico com 19,7% (12) cada. 16,4% (10) responderam que a conexão que sentem com natureza as motivam continuar, 11,5% (7) afirmaram que a razão pela qual persistem é sensação de liberdade proporcionada, 8,2% (5) relatam que estilo de vida é o fundamento para continuarem e 4,9% (3) mencionam não desistir dos sonhos.

Para Marinho (2006) os envolvimento em tais práticas estão igualmente ligados às particularidades e aspirações dos praticantes, uma vez em contato com os Esportes de Aventura surgem muitas possibilidades para novos estilos de vida.

Le Breton (2006) aponta probabilidades de se reencontrar e potencializar novos significados, reforçar a sensação humana de sua estadia no mundo e amplificar a chance de construção da individualidade ou de uma nova identidade. Para o citado autor, a junção do indivíduo, físico e mental, com a natureza traz à tona a possibilidade de adentrar em outros âmbitos de sua existência e até mesmo de enxergar sua realidade por outros ângulos.

Ressaltando os autores citados e ampliando a fala resumidas das participantes no gráfico 13, obteve-se os seguintes relatos:



I SEVEN CONGRESS OF HEALTH

Além do esporte me proporcionar uma maior conexão comigo mesma e com a natureza, eu tenho hoje uma escola de *Mountain Bike* onde um dos maiores objetivos é motivar e ajudar pessoas a pedalar com mais consciência, mas principalmente mulheres, tenho um sonho em ver o número e nível de mulheres aumentar. (Participante nº 12)

A satisfação emocional e psicológica que me proporciona, sem mencionar os benefícios para o corpo, sempre ativo. Gosto de me desafiar e de ver que sou capaz de me superar. Novas amizades, novos lugares e muitas possibilidades. (Participante nº 21)

Sou totalmente encantada pela aventura, Sinto que preciso me desafiar sempre. Praticar esportes proporciona de certa forma um sentido maior a minha vida. Não consigo me ver sem praticar esportes. (Participante nº 33)

5 CONCLUSÕES

Este Trabalho investigou os principais desafios no que diz respeito à participação feminina nas práticas esportivas de aventura, assim como elencou as dificuldades encontradas ao se inserirem nessas comunidades, discutiu a postura da mulher frente a essas dificuldades e identificou os motivos pelos quais apesar das objeções enfrentadas, cresce a presença feminina nos denominados Esportes de Aventura.

Se tratando das barreiras iniciais enfrentadas pelas mulheres que se propõem imergir no mundo dos Esportes de Aventura, há algumas vertentes: certas mulheres de fato são recebidas de forma inclusiva, outras como quem vai para o esporte em busca do “parceiro perfeito” e são desacreditadas quanto ao potencial esportivo, e ainda há aquelas que precisam “forçar a porta” para entrarem.

Uma quantidade considerável sofre preconceito por parte da família que insiste no *slogan* ultrapassado e carregado de conotações do patriarcado: “Lugar de mulher é na cozinha, pilotando fogão”. Os resultados mostrados por essa pesquisa e pelas as outras que a endossa mostram que apesar de todas as barreiras ainda existentes, o público feminino tem provado que possui capacidades para exercerem quaisquer papéis que se propor.

Sabe-se que em questões biológicas homem e mulher se diferem em alguns aspectos, no entanto o pré-julgamento em relação a capacidade física e técnica da mulher está mais ligada à construção histórico-social do que ao fator biológico propriamente dito. Excluir, subestimar e de desrespeitar a mulher baseado em conceitos de soberania masculina é algo que precisa ser refutado com veemência.



I SEVEN
CONGRESS OF HEALTH

O que o público feminino praticante de Esportes de Aventura busca com suas lutas, é ser visto na sua totalidade e isso excede a visão rasa e totalmente limitada de seus corpos e das roupas que usam.

Cada vez mais mulheres têm se preparado fisicamente e mentalmente para a prática de esportes que envolvem riscos, estão se capacitando tecnicamente e reivindicando cargos de liderança, no entanto mesmo preparadas em todos os aspectos, são subestimadas tão somente por serem mulheres.

As crenças e padrões retrógrados passados por gerações de que mulher é sinônimo de fragilidade, explica tamanha objeção por parte dos homens e até mesmo de outras mulheres que fazem escolhas diferentes, mas não justifica.

Atualmente já existem muitas iniciativas com propostas de introduzir mulheres em diversas modalidades dos Esportes de Aventura. São grupos formados exclusivamente por mulheres, mas que não possuem uma visão separatista e sim de encorajamento, fortalecimento e de dar subsídios para essas mulheres irem à luta e conquistarem seu espaço nas modalidades de desejarem.

Fatos assim são de extrema importância para a área da Educação Física, pois denotam um nicho de mercado que essa crescente do público feminino nos Esportes de Aventura traz para a área.

Quanto a motivação dessas mulheres pela busca dos esportes em contato com a natureza, há uma diversidade considerável de questões, mas maioria delas são regidas por aspectos psicológicos advindas das possibilidades apresentadas por esses esportes.

O desejo de se superar, de experienciar algo novo, aliviar estresse e outros fatores psicológicos desencadeados por pressões do dia-a-dia, estabelecer uma (re) conexão com a natureza e consigo mesmas, sentir-se livre e buscar por qualidade de vida foram os motivos mais citados.

Quanto ao objetivo central da pesquisa, foi possível identificar os principais desafios enfrentados pelo público feminino ao se inserirem no âmbito dos Esportes de Aventura e também ao elencar os motivos pelo quais elas persistem apesar das barreiras enfrentadas.

Sugerem-se novos estudos que abrangem outras formas de superação para o público feminino nesses esportes e que instiguem mais discussões no cenário acadêmico



REFERÊNCIAS

- ABREU, N. G. Meninos pra cá, meninas pra lá? In: Votre, S. J. (org.). Ensino e avaliação em Física Educação. Rio de Janeiro: Ed. Central da UGF, p.101-120, 1993.
- Breivik, G. (2010). Trends in adventure sports in a post-modern society. *Sport in Society: Cultures, Commerce, Media, Politics*, 13(2), 260-273. doi10.1080/17430430903522970
- Brasil. Decreto de Lei nº 3.199. Diário Oficial da Republica Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 14 abr. 1941: Sec,ção 1, p. 7453. Bruhns HT. Espor.
- Dias, C. A. G., & Alves Jr., E. D. (Eds.). (2009). Em busca da aventura: Múltiplos olhares sobre esporte, lazer e natureza. Niterói: EdUEF
- Gasques, M. V. (2002). Montanha em fúria: Aventura e drama no Cerro Aconcágua, o maior pico das Américas. São Paulo: Globo
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. Métodos de pesquisa. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2009.
- HIRIGOYEN, Marie-France. Le harcèlement moral: la violence perverse au quotidien. Paris : Syros, 1998.
- Joly, M. C. R. A., & Silveira, M. A. (2003). Avaliação preliminar do questionário de informática educacional (QIE) em formato eletrônico. *Psicologia em estudo*, 8(1), 85-92
- LAURETIS, T. Prefacethe Technology of Gender. In: LAURETIS, T. *Technology of Gender*. Bloomington: Indiana University Press, 1987G
- Lavoura, T. N., Schwartz, G. M., & Machado, A. A. (2008). Aspectos emocionais da prática de atividades de aventura na natureza: A (re)educação dos sentidos. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 22(2),119-127.
- Le Breton, D. Risco e lazer na natureza. In: Marinho A, Bruhns HT(Org.). *Viagens, lazer e esporte: o espaço da natureza*. Barueri:Manole, 2006. p. 94-117.
- LYPOVETSKY, G. A terceira mulher: permanência e revolução do feminino. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- Lippa, R. A. (2010). Sex differences in personality traits and gender-related occupational preferences across 53 nations: Testing Evolutionary and Social-Environmental Theories. *Archives of Sexual Behavior*, 39(3), 619-636. doi:10.1007/s10508-008-9380-7
- Marinho, A. Lazer, natureza, viagens e aventuras: novos referentes. In: Marinho A, Bruhns HT (Org.). *Viagens, lazer e esporte: o espaço da natureza*. São Paulo: Manole, 2006. p. 1-25.



I SEVEN
CONGRESS OF HEALTH

Marinho, A. (2008). Lazer, aventura e risco: Reflexões sobre atividades realizadas na natureza. *Movimento*, 14(2), 181-206.

MARINHO, A, et al. A. Atividades e esportes de aventura para profissionais de educação física. São Paulo: Phorte, 2013

Ortiz, A. (2007). Na Estrada do Everest: trekking no Himalaia (2ª ed.). Rio de Janeiro: Record.

Oliveira G, Cherem EHL, Tubino MJG. A inserção histórica da mulher no esporte. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento* 2008;16(2):117---25.

PARKER, R.G. *Corpos, Prazeres e Paixões. A cultura sexual no Brasil Contemporâneo.* São Paulo: Best-Seller; Abril Cultural, 1991. RAGO, M. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, M. (org.). *História das mulheres no Brasil.* São Paulo: Contexto, 1997, p. 58

Pimentel, G. G. A; Saito, C. F. Caracterização da Demanda Potencial por Atividades de Aventura. *Revista Motriz*, Maringá: Universidade Estadual de Maringá, PR, Brasil 2 CESUMAR - Centro Universitário de Maringá, PR, Brasil, n.16, p. 152-161, Jan/marc. 2010

Romariz, S. B., Devede, F. P, & Votve, S. (2007). Atleta substantivo feminino: as mulheres brasileiras nos jogos olímpicos. *Movimento*, 13(1), 207-216.

Rutland A, Killen M, Abrams D. A new social-cognitive developmental perspective on prejudice the interplay between morality and group identity. *Perspectives on Psychological Science* 2010;5(3):279---91.

Stigliano BV, César PAB. Turismo de aventura: a busca de seu significado através da análise qualitativa de praticantes. *Turismo -Visão e Ação* 2002;5(11):41---50.

Schwartz, G. M.; Pereira, L. M.; Figueiredo, J. P.; Christofolletti, D. F. A.; DIAS, V. K. Estratégias de Participação da Mulher Nos Esportes De Aventura. *Revista Brasileira de Ciências dos Esporte*, São Paulo: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, n.38, p. 156-162, Set. 2016

Schwartz, G. M.; Pereira, L. M.; Figueiredo, J. P.; Christofolletti, D. F. A.; DIAS, V. K. Preconceito e esportes de aventura: A (não) presença feminina. Instituto de Biociências,UNESP-RC – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho campus de Rio Claro, Brasil, *Revista Motricidade*, Vila Velha, vol.9, 2013

Schwartz, G. M. (2002). Emoção, aventura e risco: A dinâmica metafórica dos novos estilos. In M. S. Burgos, & L. M. S. M. Pinto (Eds.). *Lazer e estilo de vida* (pp. 139-168). Santa Cruz do Sul: Edunisc



**I SEVEN
CONGRESS OF HEALTH**

Tahara, A. K. (2004). Aderência às atividades físicas de aventura na natureza, no âmbito do lazer (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro

Tahara, A., Carnicelli Filho, S., & Schwartz, G. (2006). Meio ambiente e atividades de aventura: Significados de participação. *Motriz*, 12(1), 59-64.

Vivot, Julio J. Martinez, Acoso sexual en las relaciones laborales, Buenos Aires, Editorial Astrea, 1995, p. 19.